

10 e 11 de dezembro de 2024 - Evento remoto

Erejour Sudeste

“A extensão na formação em Jornalismo”



A Análise da Materialidade Audiovisual (AMA) como instrumento no ensino de jornalismo para as telas¹

Raí de CASTRO

Gabriel BHERING

Gustavo PEREIRA

Iluska COUTINHO

(Universidade Federal de Juiz de Fora/UFJF)

Na atual ecologia dos meios, o processo de ensino e aprendizagem dos cursos de Jornalismo está acoplado a desafios, haja vista que os docentes das Faculdades de Comunicação do país precisam se atentar para as convergências existentes entre os meios, as suas possibilidades e desafios. Ou seja, ao ensinar o telejornalismo, por exemplo, não é viável limitar-se apenas aos formatos clássicos, como em outros momentos se fazia com exclusividade para a TV, pois esse campo se encontra atualmente em um contexto expandido (Mello, 2017), o que demanda diferentes formas de produção e ocasiona variadas recirculações nas plataformas digitais (Coutinho, Pereira; Schlaucher, 2022).

Logo, é urgente que os estudantes desenvolvam, desde a graduação, um pensamento que coaduna com as novas exigências desses espaços de produção multiplataforma. Para tanto, o processo de ensino precisa ultrapassar o aspecto instrumental e tornar-se capaz de suscitar críticas acerca da qualidade informacional e ética que esses conteúdos precisam ter diante dessas novas *affordances*. Faz-se necessário, então, que o conhecimento seja arquitetado em paralelo ao exercício de “desconstrução” da pesquisa, processo que pode ter como suporte metodológico a Análise da Materialidade Audiovisual (Coutinho, 2016), tomada como uma lente para uma formação prática integrada à crítica.

¹ Comunicação Científica apresentada no GP Projetos Pedagógicos e Metodologias de Ensino, no 2º Encontro Regional Sudeste de Ensino de Jornalismo (Erejour Sudeste).

10 e 11 de dezembro de 2024 - Evento remoto

Crejor Sudeste

“A extensão na formação em Jornalismo”



Nossa proposta aqui é, dado o interesse comum entre os autores, pensar em potenciais recursos para o ensino (e a prática, enquanto evidência substancial daquilo se aprende) do jornalismo para as telas. A “ideação” apresentada nasce no âmbito do Núcleo de Jornalismo e Audiovisual (NJA), da Faculdade de Comunicação (Facom) da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), que reúne uma série de pesquisas (refletidas em textos, metodologias, projetos de extensão etc.) voltadas para o jornalismo audiovisual.

Mas a partir de quais das novas tendências da comunicação se organiza o que propomos aqui? Primeiramente, partimos do entendimento de que o audiovisual tem tomado uma certa centralidade (também) no ecossistema informacional contemporâneo. Dizemos ‘também’ porque, historicamente, o telejornalismo já vem ocupando um lugar central² como meio de informação. Agora, em meio ao *boom* das plataformas digitais, o audiovisual se apresenta novamente como o principal³ formato levado em conta pelas pessoas na busca por informação.

Consideramos ainda a nova face que o telejornalismo passa a assumir a partir dessas novas dinâmicas. É por isso que, aqui, nos referimos inúmeras vezes a um “jornalismo para telas”, caracterizado pela ampliação do campo de atuação do jornalismo para as diferentes telas, que exige um repensar em torno das definições sobre o jornalismo televisual e suas infinitas possibilidades narrativas (Emerim, 2017).

É nesse campo de atuação que se desenvolve ainda o que conceitua-se como Telejornalismo Expandido (Mello, 2017), que se refere às transformações no telejornalismo contemporâneo decorrentes da convergência tecnológica e — principalmente — da integração com plataformas digitais (caracterizada por uma narrativa jornalística desenvolvida de maneira multiplataforma, como novas linguagens, formatos, etc.), também imprescindível na concepção de nossa proposta.

² Segundo a Pesquisa Brasileira de Mídia de 2015, realizada pela Secretaria de Comunicação da Presidência da República, naquele ano 79% dos brasileiros afirmavam informar-se pelos telejornais. Em 2024, quase uma década depois, 63% dos brasileiros dizem usar a TV para se informar, de acordo com uma pesquisa desenvolvida pela YouGov Profiles.

³ De acordo com uma pesquisa do Reuters Institute, em 2023 o YouTube era a rede social que a maioria dos brasileiros (43% dos entrevistados) usava para se informar. Em 2024, uma pesquisa da YouGov constatou que plataformas de vídeos curtos, como o TikTok, passaram a ser a principal fonte de informação dos jovens.

10 e 11 de dezembro de 2024 - Evento remoto

Crejor Sudeste

“A extensão na formação em Jornalismo”



Numa lógica de mercado, parece claro imaginar que tais mudanças tendem a reconfigurar as possibilidades de produção, circulação e consumo de conteúdos jornalísticos — o que impacta especialmente a prática profissional dos (tele)jornalistas, exigindo deles novos *modos-de-fazer*. Mas que implicações teriam a proeminência audiovisual contemporânea, os novos meios, os novos suportes e as novas linguagens no ensino do jornalismo para as telas? Em outras palavras, quais *modos-de-ensinar* devem ser (re)pensados?

É sobre essas questões que têm pensado os experimentos realizados no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UFJF, especialmente nos estágios-docência realizados por ambos os mestrandos que integram a autoria deste trabalho. Nossa proposta nasce no primeiro semestre de 2024, com aplicações experimentais na disciplina de Telejornalismo, e segue em desenvolvimento no semestre subsequente, na disciplina de Técnicas de Jornalismo Audiovisual, ambas componentes do currículo do bacharelado em Jornalismo da Facom-UFJF.

O experimento constitui-se de duas fases distintas e complementares. A primeira delas diz respeito à tarefa (re)pensar, para fins pedagógicos, uma metodologia de pesquisa em audiovisual desenvolvida pela professora Iluska Coutinho (2016; 2018), denominada Análise da Materialidade Audiovisual (AMA). A segunda diz respeito à aplicação da metodologia como instrumento auxiliar do conteúdo programático de ambas as disciplinas.

A AMA surge como uma proposta de método possível para a busca de cientificidade em pesquisas relacionadas à produtos audiovisuais, especialmente em materiais telejornalísticos. O que se percebe no momento de construção do método é que, apesar de uma consolidação da produção científica sobre o jornalismo televisivo, era perceptível uma timidez das reflexões sobre as ferramentas utilizadas nas pesquisas e seus limites, dada, pela autora (2016; 2018), como fruto de uma regra-orientação partilhada no campo profissional, caracterizada por “mais respostas que perguntas ou procedimentos de apuração e construção da notícia” nos relatos jornalísticos.

Nesse sentido, a AMA surge como a possibilidade de facilitar a explicitação do percurso metodológico adotado na pesquisa, desde a organização do referencial teórico

10 e 11 de dezembro de 2024 - Evento remoto

Crejor Sudeste

“A extensão na formação em Jornalismo”



à análise do objeto empírico. Por fim, o método consiste na organização de uma ficha de avaliação a partir do referencial teórico, utilizada no exame do material ao que se propõe analisar, a partir da qual se originam (e organizam) os resultados da pesquisa. Na prática, a ficha consiste em uma tabela de perguntas, seccionadas em eixos, cada um deles derivado da discussão teórica construída.

A partir dessa tabela, é possível que o pesquisador realize uma “entrevista” com os vídeos analisados e organize, a partir das respostas obtidas em cada uma das perguntas, resultados que darão conta de responder, ainda que parcialmente, ao problema central da pesquisa. Há um caminho, portanto: ao ser instigado por uma questão acerca de um material audiovisual, o pesquisador reflete aspectos teóricos, tensiona perguntas cabíveis e, por meio delas, obtém resultados. É como se ele “desconstruísse” o material audiovisual e observasse suas “peças” em busca de uma resposta.

Em nossa proposta — lembrando de seu fim pedagógico, ou seja, aplicado ao ensino —, o que sugerimos é percorrer, junto com os alunos, esse caminho de forma inversa. Se na aplicabilidade epistemológica da AMA desconstrói-se o material audiovisual por meio de perguntas, na aplicabilidade pedagógica constrói-se o material audiovisual a partir delas. É como se fosse, em vez de pensar um vídeo já construído (pesquisa), pensar o vídeo antes de sua construção (produção).

Vejamos um dos exemplos dados em aula, a partir da seguinte provocação: “Um pesquisador da comunicação, com interesse na temática racial, decide investigar como o tema tem sido abordado nos telejornais no mês de novembro. Para a pesquisa, ele recorre a leituras teóricas sobre a temática, monta uma ficha de análise e define um *corpus*. Em suas leituras, ele verifica que é justo que sejam negros aqueles que falam de vivências negras. Uma das perguntas feitas ao material, então, é ‘Qual a raça das fontes que aparecem nas matérias?’. Agora pensem: em vez de pesquisadores, vocês são repórteres, e surge uma pauta sobre o Dia da Consciência Negra. Para compor a matéria, vocês precisam de fontes. Para qual detalhe é imperativo que vocês atentem na escolha das fontes?’”.

10 e 11 de dezembro de 2024 - Evento remoto

Crejor Sudeste

“A extensão na formação em Jornalismo”



Se tratamos de materiais (tele)jornalísticos a partir de sua finalidade de informar — e até mesmo de formar, de ensinar —, torna-se indispensável que, para além da dimensão técnica, sejam oferecidas aos alunos ferramentas que deem conta de uma dimensão reflexiva na construção de materiais informativos para as telas. É justamente por isso que temos recorrido, de forma experimental, ao potencial pedagógico da AMA como elemento catalisador do ensino de jornalismo audiovisual.

A partir das experiências de ambos os mestrandos no estágio docência, sob supervisão dos demais autores deste trabalho, foi possível concluir por meio da sistematização deste artigo que o ensino de telejornalismo precisa vir impreterivelmente acompanhado de uma concepção atualizada da nova ecologia midiática, que, por sua vez, deve ser alinhada a uma reflexão crítica e contundente às produções, a fim de que princípios de ética informacional sejam preservados nessas novas configurações midiáticas pelos quais os conteúdos audiovisuais percorrem. Para aplicação de uma formação teórica-prática, a Análise da Materialidade do Audiovisual (AMA) se mostra uma ferramenta potente ao possibilitar aos discentes reflexões sobre os processos de construção e desconstrução dos materiais em vídeos. A aplicação metodológica da AMA mostra-se capaz de contribuir para uma produção audiovisual adequada ao ecossistema da convergência, um “campo de disputas” contemporâneo no qual o audiovisual tem assumido determinada centralidade.

REFERÊNCIAS

COUTINHO, Iluska. **Dramaturgia do telejornalismo brasileiro: a estrutura narrativa das notícias em TV**. Tese de doutorado (Umesp). São Bernardo do Campo, SP, 2003.

COUTINHO, I. Compreender a estrutura e experimentar o audiovisual: da dramaturgia do telejornalismo à análise da materialidade. In: Emerim, C.; Coutinho, I.; Finger, C. (orgs.). **Epistemologias do telejornalismo brasileiro**. Coleção Jornalismo Audiovisual. v. 7. Florianópolis: Insular, 2018.

COUTINHO, Iluska. **O telejornalismo narrado nas pesquisas e a busca por cientificidade: A análise da materialidade audiovisual como método possível**. In: XXXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2016, São Paulo, SP. Anais eletrônicos... São Paulo, USP, 2016. Disponível em: <https://portalintercom.org.br/anais/nacional2016/resumos/R11-3118-1.pdf>. Acesso em: 25 jun 2024.

10 e 11 de dezembro de 2024 - Evento remoto

Crejor Sudeste

“A extensão na formação em Jornalismo”



COUTINHO, Iluska; PEREIRA, Gustavo; SCHLAUCHER, Bárbara. **Quem conta aumenta um conto: a (re) edição do telejornal nas redes.** In PEREIRA, A; MELLO, E; EMERIM, C & COUTINHO, I (orgs). *Contra a desinformação, telejornalismo!:* Estratégias de divulgação de notícias audiovisuais de qualidade. Florianópolis: Insular, 2022. pp. 39-55. Disponível em <https://insular.com.br/produto/contra-a-desinformacao-telejornalismo-estrategias-de-divulgacao-de-noticias-audiovisuais-de-qualidade/>. Acesso em: 30 jun. 2024.

EMERIM, Cárlica. Telejornalismo ou jornalismo para telas: a proposta de um campo de estudos. **Estudos em Jornalismo e Mídia**, Florianópolis, vol. 14. nº 2, p. 113-126, jul-dez de 2017.

MELLO, Edna. Bases **Epistemológicas do Telejornalismo: entre a teoria e a prática.** Sbjor, novembro de 2017. ECA USP, 2017.